



O INÍCIO DA ESCOLARIZAÇÃO MUNICIPAL EM CLÁUDIA-MT

Cristinne Leus Tomé*

RESUMO

Este artigo aborda o início da escolarização na cidade de Cláudia, município de Sinop na década de 80 do século passado. Por meio de depoimentos orais e escritos, fotografias e documentos conseguimos reconstruir este recorte da história escolar da cidade, momento em que seus professores e alunos nos falam sobre suas vivências neste contexto histórico específico. Tratamos de um início de agricultores, donas de casas e até adolescentes que se dispunham a trabalhar em salas de aula de alfabetização com o propósito de não deixarem as crianças em idade escolar fora da escola. Os professores aqui citados, posteriormente seguiram a carreira da docência, graduando-se em Licenciaturas e são atuantes nas escolas da região.

Palavras-chave: Educação. Escolarização Municipal. Cidade de Cláudia.

1 INTRODUÇÃO

Escrever sobre a escolarização na cidade de Cláudia é sempre motivo de grande satisfação para mim. Venho estudando a cidade desde o ano de 2000, primeira vez que fui ali lecionar como professora enviada pela UNEMAT-Sinop no Curso de Pedagogia. A partir desta data, foram muitos os trabalhos realizados pelos alunos e por mim envolvendo a história da educação, que culminou com a Tese “EU NÃO SOU PROFESSOR, NÃO”: a presença do professor na cidade de Cláudia entre 1978 e 1988”. Este artigo é mais um recorte da pesquisa realizada com professores e alunos que nos contaram como foi a implantação das primeiras escolas municipais em Cláudia.

* Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *Campus* Universitário de Sinop, Departamento de Pedagogia. Graduada em História (Licenciatura e Bacharelado) com Mestrado e Doutorado em Educação pela UFRGS.

2 “EU FIQUEI SENDO PROFESSOR”

As escolas municipais foram criadas a partir de 1982 na cidade de Cláudia, todas multisseriadas, de 1^a. a 4^a. série do 1^o. grau, durante a administração municipal de Sinop de Oswaldo Paula (1981-1982), que tinha à época como Diretora do Departamento Municipal de Educação a professora. Olga Ribeiro Gomes (SANTOS, 2007). Todas tiveram como característica estarem localizadas na zona rural da cidade.

As histórias que compreendem a semente que originou essas escolas no ano de 1982 são representativas da força de um movimento social. O professor João Olegário dos Santos nos conta que chegou em 1981, no final do ano, vindo de Alvorada do Sul-PR, quando terminou o Ensino Fundamental. Em Cláudia, morava em um sítio com sua família, pais e irmãos, na Estrada Elizabeth.

As estradas que cercam o núcleo urbano têm como característica circundar várias ‘ilhas’ de sítios por entre suas ramificações. O professor João Olegário era um dos tantos moradores de um destes tantos sítios, e que poderia ter passado seus dias cuidando de suas terras e de sua vida. Mas não foi assim. O seu pai, preocupado com a falta de escolas no meio rural, com filhos em idade escolar e com vizinhos na mesma situação, o instigou a construir uma escola. “Elizabeth. Que era a primeira escola que eu, junto com meu pai, e a comunidade, fundamos”, diz o professor.

Com 21 anos, o professor João Olegário foi a Sinop conversar com a professora Olga e começou a edificação da escola. Com a ajuda dos pais e do Departamento Municipal de Educação, a escola foi construída e abriu as suas portas no dia 6 de abril de 1982.

A decisão de escolher um professor para atuar na escola também contou com a participação do pai do professor. Numa época em que não havia professores formados na comunidade, e o professor João Olegário estava indeciso em ser o professor da escola, o seu pai o questionou: “Filho, mas se você não pegar, quem que vai pegar? Eu dei estudo para vocês, para quê?” E não havia como contestar tal argumentação: “E eu fiquei sendo professor, porque não tinha, ninguém que se interessava para pegar as aulas, e achei, assim, por bem, que tinha que fazer alguma coisa, pela comunidade.”

Da mesma maneira como o professor João Olegário participou da criação da Escola Elizabeth, também ajudou na construção da Escola Magali, trabalhou na Escola Dilma, e conseguiu professor para atuar na Escola Rodehnorte, que ficava em uma Madeireira.

Durante o ano de 1982 foram criadas as seguintes escolas:

PORTARIA DE CRIAÇÃO ESCOLAS RURAIS MUNICIPAIS DE 1º. GRAU DE SINOP LOCALIDADE CLÁUDIA			
NOME	LOCAL	PORTARIA	DATA
DILMA	Estrada Dilma	No. 117	11 de outubro de 1982
ELIZABETH II	Estrada Elizabeth	No. 117	11 de outubro de 1982
ELCIRA (FABIANE) ¹	Estrada Fabiane	No. 117	11 de outubro de 1982
MAGALI	Estrada Magali	No. 117	11 de outubro de 1982
MARILDA	Estrada Marilda	No. 117	11 de outubro de 1982
MARÍLIA	Estrada Marília	No. 117	11 de outubro de 1982
ROHDENORTE	Estrada Gladys	No. 117	11 de outubro de 1982

Quadro 1 – Portaria de Criação: No. 117/82 – Cláudia-MT.

Fonte: SEC – Secretaria de Educação e Cultura - Sinop-MT.

Organização: TOMÉ, Cristinne Leus; 2008.

O primeiro dia como professor, “eu fiquei sendo professor”, foi como uma explosão de fogos de artifícios, a fascinação entre a ousadia (de soltar o explosivo) e a apreensão (de que não exploda). Na sala de aula tínhamos, de um lado, na mesa do professor, João Olegário, com 21 anos e o Ensino Fundamental completo, e, de outro lado, sentados nas carteiras 16 alunos entre 7 e 17 anos, todos analfabetos. As crianças chegavam à escola trazidas pelos pais de carroça, de bicicleta ou mesmo a pé. Assim como “ficou sendo professor”, o professor João Olegário “ficou sendo zelador e merendeiro”, porque a escola não era suprida de funcionários para tais atividades. Antes de começar a aula, a sala era limpa e, enquanto dava a aula, preparava o lanche.

A professora Leila Aparecida dos Santos, que trabalhou na Escola Magali quando tinha 13 anos, em 1982, sendo a responsável pelo ensino de 30 alunos divididos de 1ª. a 4ª. série, recebia ajuda dos alunos nas tarefas diárias. “Eu tinha alunas mais velhas que eu. Tinha uma cozinha e era fogão a lenha. Eu lembro que eu entrava na sala, cheia de carvão, porque eu não era acostumada, só com fogão a gás. Então tinha dias que elas ficavam com dó de mim e falavam: ‘Não professora, deixa que hoje a gente faz a comida [risos], porque a senhora...’”. Mesmo sendo uma adolescente, os alunos a chamavam respeitosamente de senhora, tratamento dado a alguém que tem influência. Sabendo ou não acender o fogo em fogão a lenha, independente de suas habilidades manuais como professora, os alunos demonstravam admiração pelo seu conhecimento e pela sua competência em dirigir suas aulas. “eu fazia tudo certinho, lecionava bonitinho, as crianças aprendiam. Os meus cadernos de planejamento, dava gosto de ver. Como que pode, né, e estudava de manhã e dava aula de tarde, preparava as aulas bonitinho, fazia merenda...”

¹ Na Portaria temos o nome da E. R. Elcira, mas na Autorização para funcionamento aparece como Fabiana.

A falta de funcionários para trabalharem nas escolas municipais rurais era uma constante nesta época, obrigando o professor a “ser, realmente, um artista para conseguir manter todas essas crianças envolvidas”, como conta o professor Wilson Vollbrecht. Com experiência em sala de aula, tendo trabalhado em 1975 na Escola Prudente de Moraes, em Porto Britânia, na Escola José Bonifácio em Marechal Rondon, e em Quinta das Seleções, no Paraná, sabia das dificuldades que o esperava ao entrar na Escola Magali, em 1986. Atender as quatro séries ao mesmo tempo, em um único espaço, com um quadro, tendo que cozinhar, atender as crianças enquanto comiam, limpar as carteiras, limpar a cozinha e lavar a louça, organizar o almoxarifado não era tarefa fácil para um professor, inexperiente ou não.

As aulas eram preparadas com os livros e cadernos trazidos na mudança com os professores, com os livros conseguidos com a professora Olga, e com o material que circulava entre os professores, emprestando uns aos outros. Esse era o panorama até 1985, tendo os professores que providenciar o seu material em uma cidade com poucos recursos literários.

Com a chegada constante de novas famílias, a comunidade rural de Cláudia se organizou, principalmente os pais de crianças em idade escolar, e, em acordo com a Prefeitura de Geraldino Dal’Maso (1983-1988), primeiro Prefeito eleito de Sinop, conseguiram fundar novas escolas. Durante esta Prefeitura, foi criada a Secretaria Municipal de Educação e Cultura² em 1985, tendo como secretaria a professora Regina Helena Moscatto.

DECRETOS DE CRIAÇÃO ESCOLAS RURAIS MUNICIPAIS DE 1º. GRAU DE SINOP LOCALIDADE CLÁUDIA			
NOME	LOCAL³	DECRETO	DATA
ALESSANDRA	-	No. 004	22 de março de 1985
CATARINA CANOZO	-	No. 005	22 de março de 1985
DILMA I	-	No. 006	22 de março de 1985
FERNANDA	-	No. 007	22 de março de 1985
IRACEMA	-	No. 008	22 de março de 1985
LIARA	-	No. 009	22 de março de 1985
MARINGÁ	-	No. 010	22 de março de 1985
TEREZA	-	No. 011	22 de março de 1985
UNIÃO MADEIRAL	-	No. 012	22 de março de 1985
UNIÃO DO SUL	-	No. 013	22 de março de 1985
NOSSA SENHORA DE FÁTIMA	Fazenda D. Mercedes	No. 010	16 de março de 1987
GLADYS	Estrada Gladys	No. 066	16 de março de 1987
IRLANI	Estrada Irlani	No. 022	03 de junho de 1988
MAGALI I	Estrada Magali	No. 024	03 de junho de 1988

Quadro 2 – **Decretos de Criação: anos 1985/1987/1988 – Cláudia-MT.**

Fonte: SEC – Secretaria de Educação e Cultura - Sinop-MT.

Organização: TOMÉ, Cristinne Leus; 2008.

² SINOP. Lei Municipal no. 075/85. Cria as Secretarias Municipais.

³ Local – de acordo com o fornecido no Decreto, pode constar ou não.

Ao mesmo tempo foram extintas as seguintes escolas:

DECRETO DE EXTINÇÃO			
ESCOLAS RURAIS MUNICIPAIS DE 1º. GRAU DE SINOP			
LOCALIDADE CLÁUDIA			
NOME	LOCAL⁴	DECRETO	DATA
FABIANA	-	No. 062	04 de setembro de 1985
ALESSANDRA	Estrada Alessandra	No. 008	03 de junho de 1988

Quadro 3 – Decretos de Extinção: Anos 1985/1988 – Cláudia-MT.

Fonte: SEC – Secretaria de Educação e Cultura - Sinop-MT.

Organização: TOMÉ, Cristinne Leus; 2008.

A professora Íris Gujahr Vollbrecht começou a trabalhar em 1986, na Escola Tereza, lembra que a carência de material para os alunos era grande. Cláudia não possuía livraria ou papelaria, apenas alguns comércios que supriam as necessidades básicas. A maioria das compras era realizada em Sinop, desde os livros ao material escolar diário, lápis, caderno, borracha, régua. A Secretaria Municipal de Sinop mandava alguns livros didáticos a serem distribuídos em sala de aula, mas o material de uso particular dos alunos era comprado pelos pais.

O plano de aula era elaborado pela Secretaria Municipal e enviado a cada professor. As avaliações eram elaboradas em Sinop, junto com os professores, ali eram datilografadas, levadas a Cláudia, aplicadas e depois retornavam à Secretaria, para conferência, caso a correção ou a pontuação não estivesse correta. “Tudo isso era analisado” lembra a professora Íris.

Sem experiência na docência, e em como agir com alunos desobedientes, a professora Íris foi consultar a Secretaria Municipal. Suas lembranças de infância vinham acompanhadas de maus tratos recebidos na escola, durante os anos 60, quando estudou na Linha Princesa-PR. Seu professor costumava aplicar castigos corporais em sala de aula para alunos que não falassem a língua portuguesa. De origem alemã, pertencente a uma família que só falava a língua alemã em casa, a criança Íris via-se obrigada a falar a língua portuguesa na escola, sob a ameaça da punição. “O castigo era uma armação com carretéis de linha, postos num fio de linha, um ao lado do outro e formado um ábaco pra contar números. E aquele quadro, o professor jogava no chão, e ali ele mandava a gente ajoelhar”, conta a professora Íris. A resposta da Secretaria foi que castigos estavam proibidos. Não deviam ser infligidos.

A inexperiência dos professores aliada à falta de qualificação docente contribuiu para que situações como a acima apresentada surgissem. A presença constante da Secretaria

⁴ Local – de acordo com o fornecido no Decreto, pode constar ou não.

Municipal nas escolas rurais de Cláudia contribuía para evitar equívocos dos professores, em todos os momentos de sua presença em sala de aula. “Na época, as Secretárias de Educação eram muito mais... eles conviviam muito mais os professores, sabe, eles apoiavam, eu acho, muito mais”, explica Leila. Alguns momentos da aula eram destinados a realizar atividades lúdicas cujo objetivo visava à interação do grupo de alunos.

Brincar não significa passatempo. A criança se utiliza da brincadeira para conhecer o mundo que a cerca. Através do jogo a criança desenvolve a sua imaginação e seu pensamento abstrato. Através das brincadeiras a criança poderá ter um bom desenvolvimento psicomotor e psico-social, assim como as levará à socialização e à contribuição para a sua vida afetiva. As atividades lúdicas encorajam também o desenvolvimento intelectual, através da atenção e da imaginação, facilitando a sua expressão. (ALMEIRA, 1998, p. 63).

O professor João Olegário nos conta que em suas aulas promovia caminhadas com os alunos, passeava pelas trilhas, “sentava embaixo das árvores, brincava no areião, aí voltava para escola.” Ao usar a mata como recurso pedagógico, como livro a céu aberto, promovia encontros interdisciplinares entre a biologia, educação física e a sociologia. A relação entre alunos e professor, nas atividades escolares, era favorecida pela confiança depositada um no outro. Nos jogos de futebol com a classe, ele se escalava para o time das meninas. “Então eu entrava no gol para elas e ia jogar contra os meninos, e sempre nós ganhávamos. Porque eles não passavam mesmo. [...] Então, nossa, a gente brincava muito. [...] Eu tive alunos que falavam, queria que eu fosse o pai deles, pela forma que eu atuava com eles, o carinho que eles tinham do professor.” A convivência diária, o respeito entre as partes, o tratamento como que era conduzido o cotidiano escolar, despertava sentimentos que, a princípio pertencentes à intimidade familiar, eram redirecionados para o espaço escolar, numa relação afetiva de pai e filho. Um professor que ensina, cozinha, limpa, passeia, brinca, e faz tudo isso com carinho, seria um bom pai, no imaginário do aluno.

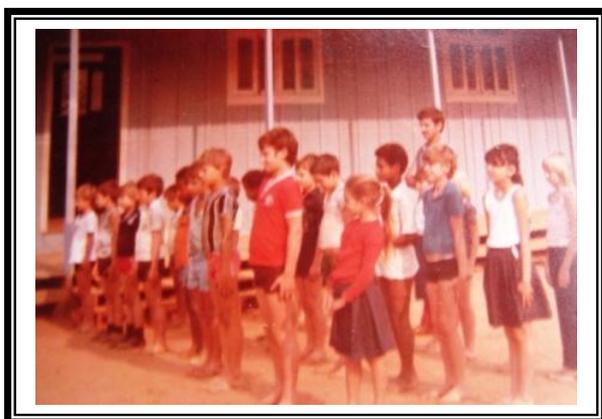
As brincadeiras também foram usadas pelo professor Orlando de Alécio com seus alunos para suavizar a timidez que expressavam. Para promover a socialização entre eles, “a gente brincava assim”, cantando canções infantis com a turma em uníssono ou convidando um aluno a fazer solo a frente da classe, “brincava muito de roda, a gente jogava bola, menino com menina tudo junto, que era uma turma só. Fazia dois times, misturado.” E dessa maneira, sua turma foi interagindo, se “soltando”, como diz o professor, se conhecendo e formando aquela unidade de afinidade tão importante na identidade de uma turma.

Nossos professores incentivavam a brincadeira entre as crianças, e, ao fazerem isso, também brincavam. Não apenas as crianças desenvolvem a imaginação, a socialização, a

motricidade física, a expressão, entre outros, para conhecer o mundo que as cercam, adultos também, e os professores viveram todas essas experiências ao brincarem com seus alunos. Não há como o professor não brincar ao brincar com uma criança. Ele estará interagindo com seus alunos, ensinando-os, educando-os, ou mesmo, simplesmente brincando, porque é bom.

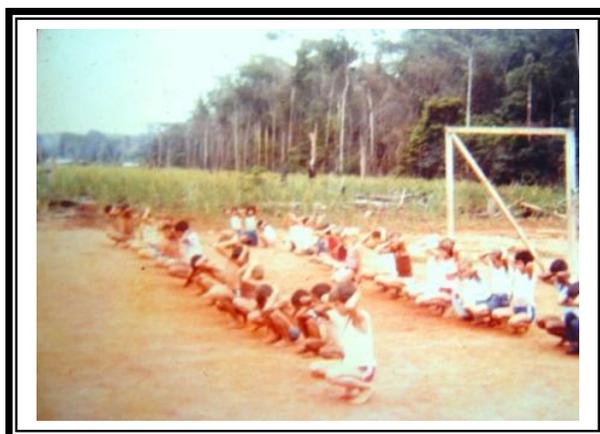
João Olegário se emociona ao lembrar que “o período que eu atuei em Cláudia, nossa, foi muito maravilhoso”. Maravilhoso por ter sido capaz de “tomar decisão sozinho, quase todas às vezes”. Maravilhoso por ter aprendido com a profissão de professor, “a essa experiência que eu adquiri lá no meio”.

Para finalizar, algumas fotografias da Escola Dilma, com o professor Adacir e a professora Claudevânia.



Fotografia 1: **Escola Dilma, Prof. Adacir Anderle, 1983.**

Fonte: Adacir Anderle, Acervo Particular, 1983.
(Fornecida pela Profa. Claudevânia B. Anderle).



Fotografia 2: **Escola Dilma, Prof. Adacir Anderle, Aula de Educação Física, 1985.**

Fonte: Adacir. Anderle, Acervo Particular, 1985.
(Fornecida pela Profa. Claudevânia B. Anderle).

A professora Cláudevânia era uma adolescente que estudava em um turno e trabalhava no outro, assim como a Leila e outras tantas crianças e adolescentes que deram aula em Cláudia. Nas aulas do professor Adacir, vemos os alunos em posição de sentido, nas aulas sobre civismo, e fazendo ginástica, nas aulas de Educação Cívica.



Fotografia 3: **Turma da 2ª. Série da Escola Municipal Rural Dilma com a professora Claudevânia.**

Fonte: Claudevânia B. Anderle, Acervo Particular, jun. 1988.

Nota: A fotografia vem com a seguinte descrição: “Escola Municipal Dilma, com os alunos da 2ª. Série, Alexandre, Alexandre, Vera e Marcelo. Junho/1988.” A professora é a adolescente de camiseta vermelha e tinha 14 anos na época.

3 CONCLUSÃO

Nestes anos de início de colonização, os professores que trabalharam com Educação Infantil e as primeiras séries do Ensino Fundamental, 1º. Grau como era conhecido na época, fossem adolescentes estudantes e professores, fossem adultos agricultores, profissionais liberais ou professores de formação, temos que todos deixaram a sua marca, cada um a sua maneira, participando da educação da comunidade e tentando construir uma cidade melhor.

THE FIRST YEARS OF SCHOOLING IN THE CITY OF CLAUDIA, MATO GROSSO STATE

ABSTRACT

This article discusses the first years of schooling in the city of Claudia, belonging to Sinop in the 80s. Through oral and written testimonies, photographs and documents we could rebuild this part of the city scholar history, when teachers and students talk about their experience in this specific historical context. At the beginning we deal with the farmers, housewives and teenagers that worked as teachers in alphabetization classroom in order not to leave the yang children out of school. The cited here pointed, followed the teaching career, graduating in Teachers undergraduate and nowadays they teach in the schools of that region.

Keywords: Education. Municipal Scholarship. City of Claudia.

REFERÊNCIAS

ALÉCIO, Orlando de. **Orlando de Alécio**: depoimento. [03 ago. 2004]. Entrevistadora: Cristinne Leus Tomé. Cláudia, MT, 2004. 1 microcassete sonoro (1 h 08 min 13 seg). Regravado em 1 CD-ROM. Entrevista concedida para a Tese de Doutorado sobre a Educação de Cláudia-MT entre 1979 e 1988.

ALMEIDA, Paulo Nunes. **Educação lúdica**: técnicas e jogos pedagógicos. 9. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

ANDERLE, Adacir. **Escola Dilma, Prof. Adacir Anderle, 1983**. 1983. 1 fotografia, color. 4,97 cm x 7,12 cm.

_____. **Escola Dilma, Prof. Adacir Anderle, Aula de Educação Física, 1985.** 1985. 1 fotografia, color. 5,19 cm x 7,12 cm.

ANDERLE, Claudevânia B. **Turma da 2ª. Série da Escola Municipal Rural Dilma com a professora Claudevânia (06/88).** 1988. 1 fotografia, color., 5,01 cm x 7,12 cm.

SANTOS, João Olegário dos. **João Olegário dos Santos:** depoimento. [12 mar. 2004]. Entrevistadora: Cristinne Leus Tomé. Cláudia, MT, 2004. 1 microcassete sonoro (1 h 17 min 15 seg). Regravado em 1 CD-ROM. Entrevista concedida para a Tese de Doutorado sobre a Educação de Cláudia-MT entre 1979 e 1988.

SANTOS, Leila Aparecida dos. **Leila Aparecida dos Santos:** depoimento. [08 jun. 2004]. Entrevistadora: Cristinne Leus Tomé. Sinop, MT, 2004. 1 microcassete sonoro (52 min 13 seg). Regravado em 1 CD-ROM. Entrevista concedida para a Tese de Doutorado sobre a Educação de Cláudia-MT entre 1979 e 1988.

SANTOS, Luiz Erardi Ferreira dos. **Informações orais sobre a Escola Estadual de 1º. Grau Manoel Soares Campos em 1984.** Sinop, nov. 2007.

_____. **Raízes da História de Sinop.** Sinop : Grafitec, 2007.

SINOP. Lei no. 075/85. Cria as Secretarias Municipais de Planejamento e Coordenação; Obras Viação e Serviços Urbanos; Educação e Cultura; Administração; Fazenda; Trabalho; Habitação e Assistência Social e dá outras providências. **Legislação.** Sinop, 22 jul. 1985. Disponível em: <
<http://www.prefeituravirtual.com.br/Publicacoes/Leis/Leis%20de%201985/LEI-075.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2008.

_____. Secretaria de Educação e Cultura. Município de Sinop. 2008.

VOLLBRECHT, Íris Gujahr. **Íris Gujahr Vollbrecht:** depoimento. [27 jul. 2004]. Entrevistadora: Cristinne Leus Tomé. Cláudia, MT, 2004. 1 microcassete sonoro (1 h 09 min 41 seg). Regravado em 1 CD-ROM. Entrevista concedida para a Tese de Doutorado sobre a Educação de Cláudia-MT entre 1979 e 1988.

VOLLBRECHT, Vilson. **Vilson Vollbrecht:** depoimento. [29 fev. 2004]. Entrevistadora: Cristinne Leus Tomé. Cláudia, MT, 2004. 1 microcassete sonoro (1 h 07 min 33 seg). Regravado em 1 CD-ROM. Entrevista concedida para a Tese de Doutorado sobre a Educação de Cláudia-MT entre 1979 e 1988.